

ANÁLISE SEMIÓTICA TENSIVA NO CONTO “PAI CONTRA MÃE”, DE MACHADO DE ASSIS

*TENSIVE SEMIOTIC ANALYSIS IN THE STORY “PAI
CONTRA MÃE”, BY MACHADO DE ASSIS*

*ANALYSE SÉMIOTIQUE TENSIVE DANS LE RÉCIT « PAI
CONTRA MÃE », DE MACHADO DE ASSIS*

Jennyffer Stheffanny Pereira da Silva

Universidade de São Paulo, USP, Brasil

Diana Luz Pessoa de Barros

Universidade de São Paulo, USP, Brasil

Resumo: A presente pesquisa visa a analisar o conto “Pai Contra Mãe”, publicado em 1906 e escrito por Machado de Assis, a partir da teoria semiótica tensiva, de Claude Zilberberg, tendo em vista os valores que circunscrevem a obra, o sensível e a afetividade presentes no contexto do percurso literário, assim como as dimensões e subdimensões subjetivas que fazem parte dessa “gramaticalização” semiótica do conteúdo. Para essa análise, focaremos nos valores de absoluto promovidos pela triagem do regime de exclusão em detrimento dos valores de universo que orientam a mistura do regime de participação; exploraremos o andamento e a tonicidade do eixo de intensidade, tal qual a temporalidade e a espacialidade pertencentes ao eixo de extensidade; finalizando, portanto, nos aspectos de ascendência ou descendência que ordenam o sobrevir do acontecimento central do conto. O estudo se justifica para uma visão mais sensível, reflexiva e crítica referente ao regime de exclusão racial e consequentemente social, sobretudo sob o viés dos princípios que regem a linha teórica da tensividade.

Palavras-chave: Semiótica; Tensividade; Valores de Absoluto; Triagem; Conto.

Abstract: This research aims to analyze the short story “Pai Contra Mãe”, published in 1906 and written by Machado de Assis, based on Claude Zilberberg’s tensive semiotic theory, bearing in mind the values that circumscribe the work, the sensitive and the affectivity present in the context of the literary journey, as well as the subjective dimensions and sub-dimensions that are part of this semiotic “grammaticalization” of the content. For this analysis, we will focus on the absolute values promoted by screening the exclusion regime to the detriment of the universe values that guide the mixing of the participation regime; we will explore the progress and tonicity of the intensity axis, as well as the temporality and spatiality belonging to the extensity axis; ending, therefore, in the aspects of ancestry or descent that order the supervening of the central event of the short story. The study is justified for a more sensitive, reflective and critical view regarding the racial

and consequently social exclusion regime, especially under the bias of the principles that govern the theoretical line of tensivity.

Keywords: Semiotics; Tensivity; Absolute Values; Screening; Tale.

Résumé: Cette recherche vise à analyser la nouvelle “Pai Contra Mãe”, publiée en 1906 et écrite par Machado de Assis, à partir de la théorie sémiotique intensive de Claude Zilberberg, en tenant compte des valeurs qui circonscrivent l’œuvre, les présents sensibles et affectifs dans le contexte de la trajectoire littéraire, ainsi que les dimensions et sous-dimensions subjectives qui participent de cette «grammaticalisation» sémiotique du contenu. Pour cette analyse, nous nous focaliserons sur les valeurs absolues promues par le filtrage du régime d’exclusion au détriment des valeurs d’univers qui guident le brassage du régime de participation ; nous explorerons le tempo et la tonicité de l’axe d’intensité, ainsi que la temporalité et la spatialité propres à l’axe d’étendue; dénouement, porteur, dans les aspects d’ascendance ou de descendance qui ordonnent la survenance de l’événement central de la nouvelle. L’étude se justifie pour un regard plus sensible, réflexif et critique sur le régime d’exclusion raciale et par conséquent sociale, notamment sous le biais des principes qui régissent la ligne théorique de tensivité.

Mots clés : Sémiotique ; Tensivité; Valeurs absolues; Dépistage; Content.

1. Introdução.

O conto “Pai Contra Mãe” foi publicado em 1906 no livro “Relíquias de Casa Velha” e tem como autor nada menos do que o consagrado escritor brasileiro Machado de Assis. A obra traz diversas reflexões sobre a escravidão no Brasil, pois se passa no momento anterior à sua abolição, embora a publicação tenha sido feita já no século XIX. A história se passa no Rio de Janeiro, e além de inicialmente nos apresentar alguns instrumentos e práticas associadas aos castigos aplicados aos negros durante o período escravocrata, o enredo se desenvolve em torno de Cândido Neves – ou também chamado de Candinho –, que tem como ofício a captura de escravos fugidos. Candinho e sua mulher Clara acabam tendo um filho, porém, devido à situação escassa e precária em que se encontravam, precisariam entregar a criança para a Roda dos Enjeitados, local que abrigava crianças abandonadas. No entanto, para que pudesse evitar tal infortúnio, Candinho encontra um anúncio e decide capturar e entregar a escrava Arminda para o seu senhor; o que acaba sucedendo no fatídico aborto da mulher grávida. O conto termina com Candinho conseguindo salvar o seu filho da Roda e ainda recebendo a recompensa de cem mil réis pela apreensão da escrava.

À vista disso, a semiótica tensiva é uma teoria que trabalha com as valências de intensidade e extensidade, ou seja, esta correspondente ao inteligível ou também chamado de “estados de coisas”, e aquela correspondente ao eixo sensível, aos denominados “estados de alma”. Desde o seu início, Zilberberg propendia a tensividade para a afetividade na construção e na produção dos sentidos, através de uma espécie de “gramaticalização” semiótica dos fenômenos ou uma

“prosodização do conteúdo” textual ou discursivo. Para isso, ele criou diversas categorias voltadas para os aumentos e diminuições que caracterizam as medidas subjetivas de um dado objeto, bem como os fatores que também participam dos campos de presença nos atos de enunciação.

Dessa forma, considerando os conceitos concedidos pela semiótica tensiva, o presente trabalho visa a analisar o conto “Pai Contra Mãe”, de Machado de Assis, tendo em vista os valores que perpassam a obra, o sensível e a afetividade apresentado pelo contexto durante o percurso literário e os graus de abrangência subjetivos responsáveis por uma leitura mais crítica e reflexiva no que se refere às questões de exclusão racial e destarte social da época. Para tal análise, nos assentaremos nos valores de absoluto promovidos pela triagem do regime de exclusão e, por conseguinte, concessivo; nos embasaremos também nos princípios de andamento e tonicidade do eixo de intensidade, e a temporalidade e a espacialidade pertencentes ao eixo de extensidade; exploraremos o sobrevir do acontecimento central da história; e por último, as partições ascendentes e descendentes que estruturam o conto.

Na próxima seção apresentaremos algumas reflexões e os conceitos semióticos tensivos a serem trabalhados nesta pesquisa, na segunda, analisaremos o conto propriamente dito, e para isso, selecionamos alguns trechos que auxiliarão de modo mais pertinente no panorama geral da pesquisa, encerrando, portanto, nas considerações finais deste trabalho. O estudo se justifica para uma leitura mais reflexiva e minuciosa acerca dos valores que promovem a segregação racial e social presentes na obra, sobretudo sob o viés da semiótica tensiva, de C. Zilberberg.

2. Reflexões e conceptualizações teóricas.

Desde o seu surgimento, o ponto de partida da semiótica era o de trabalhar o conceito de significação em diferentes manifestações de linguagens. Considerando o texto como um “todo de sentido”, para construir o seu sentido seria necessário, então, conforme estabelecido por Greimas, conceber o plano do conteúdo sob um percurso gerativo, que vai desde as estruturas mais simples e abstratas até às estruturas mais complexas e concretas: do nível fundamental, ao narrativo e discursivo. No entanto, aquém do esquema do percurso gerativo de sentido, encontra-se a semiótica tensiva, o “lugar imaginário em que a intensidade — ou seja, os estados de alma, o sensível — e a extensidade — isto é, os estados de coisas, o inteligível — unem-se uma à outra” (ZILBERBERG, 2011, p. 66). E desse modo, foi Claude Zilberberg quem adotou um novo caminho para a semiótica de linha francesa, mais vinculado aos fenômenos sensíveis e imponderáveis que permeiam os processos de significação. A intensidade, então, diz respeito ao sensível, aos estados de alma do sujeito, enquanto que a extensidade seria o eixo do inteligível, o chamado estado de coisas. Em sua teoria, o semioticista buscou evidenciar quantificações ou medidas subjetivas para determinar os graus que caracterizam certo conteúdo.

Enquanto que o interesse de Greimas era voltado para à ‘espera’, cuja estrutura organiza as etapas narrativas do discurso, Zilberberg voltava-se para à ‘surpresa’, pela imprevisibilidade que insurge na ordem lógica da construção do sentido. “Contudo, por caminhos aparentemente

antagônicos, ambos os semioticistas dispuseram-se a compreender (e explicar) os mecanismos pelos quais o ser humano produz significação” (TATIT, 2019, p. 13). Para isso, eles criaram categorias que se correlacionam tanto do ponto de vista morfológico quanto sintático, objetivando representar a forma emergente do sentido; seria uma espécie de “gramaticalização” semiótica dos fenômenos. Assim sendo, ao passo que Greimas preocupava-se em semiotizar os estados passionais, “o semioticista francês se empenhou em gramaticalizar nossas vivências e emoções, não vendo qualquer paradoxo na expressão “gramática do afeto”” (TATIT, 2019, p. 13-14).

À vista disso, “a variação de intensidade/extensidade, tanto para o foco quanto para a apreensão engendra formas tônicas e formas átonas, e a correlação entre tais variações pode ser conversa ou inversa” (FONTANILLE; ZILBERBERG, 2001, p. 219). Isso quer dizer que para a intensidade, os valores são considerados de ‘absoluto’, e é onde domina o foco; para a extensidade, os valores serão considerados de ‘universo’, e é onde domina a apreensão. “No caso dos valores de absoluto, parece que a triagem e o fechamento intervêm como operadores principais, tendo por benefício a ‘concentração’, enquanto os valores de universo pedem o concurso da mistura e da abertura, tendo por benefício a ‘expansão’” (FONTANILLE; ZILBERBERG, 2001, p. 47). Destarte, a correlação conversa seria o regime de participação, denominado de implicação; e a correlação inversa seria o regime exclusivo, denominado concessivo. Em suma, o regime de exclusão tem por operador a triagem, e o regime de participação tem por operador a mistura.

Sendo assim, com as valências, estamos diante de ‘gradientes de intensidade’ (referente à afetividade) e gradientes de extensidade (referente à funcionalidade). Dessa maneira, na intensidade trata-se do par impactante vs. tênue, enquanto que na extensidade, é o concentrado vs. difuso; cabendo-nos destacar aqui que “na perspectiva tensiva, a intensidade, ou seja, a afetividade, rege a extensidade” (ZILBERBERG, 2011, p. 17). Os valores de absoluto podem ser considerados como de impacto e concentrados, em contraposição aos valores de universo, que são tênues e difusos. Concisamente, “(i) a intensidade une o andamento e a tonicidade; (ii) a extensidade une a temporalidade e a espacialidade” (ZILBERBERG, 2011, p. 69); já a tonificação corresponde à acentuação, o “acento do sentido”; e a atonização, o enfraquecimento – essencialmente, a tonicidade e a atonia precisam a ênfase de um dado conteúdo. Além do mais, enquanto que a brevidade e a longevidade medem a duração, o andamento trata da aceleração e da desaceleração, da rapidez e da lentidão. Tais categorias foram concebidas por Zilberberg tendo em vista uma espécie de “prosodização do conteúdo”, com acentos e modulações, ascendentes ou descendentes, visando não apenas o funcionamento prosódico das línguas naturais, mas também os aumentos e diminuições que caracterizam a apreensão do sentido abstrato das coisas, bem como a organização do mundo sensível e afetivo.

Se a intensidade retrata o nosso mundo subjetivo, nossas “medidas” afetivas (os nossos estados de alma, nos termos da semiótica), a extensidade refere-se em princípio, ao mundo exterior, à quantidade dos elementos envolvidos (aos estados de coisas), ou, mais precisamente, ao grau de abrangência dos fatos abordados (TATIT, 2019, p. 71-72).

Cabe-nos aqui apresentar a noção de acontecimento, um conceito central da tensividade: “O acontecimento se realiza como uma intrusão, uma “penetração”, uma “brutalidade eficaz” (ZILBERBERG, 2011, p. 23); seria como um ato que desapropriasse o sujeito de suas competências modais, transformando-o em um sujeito do sofrer e aniquilando a duração temporal. “O acontecimento, por sua qualidade de tonação acentual, remete à tonicidade, enquanto por sua brevidade, sua irrupção, remete à celeridade do andamento” (ZILBERBERG, 2011, p. 132); temos aqui então um andamento extremo – o da instantaneidade –, e uma tonicidade superior. “Refere-se, portanto, ao fenômeno que sobrevêm no campo de presença do sujeito, amparado por cifras de alta velocidade e tonicidade, revertendo sua expectativa e programação de vida” (TATIT, 2019, p. 56); e pertencente ao regime concessivo.

Desse modo, “figura do inesperado, o acontecimento não poderia seriamente ser visado, ou seja, antecipado. O acontecimento não pode ser apreendido senão como algo afetante, perturbador, que suspende momentaneamente o curso do tempo” (ZILBERBERG, 2011, p. 169). Em outras palavras, “no calor do acontecimento, o sujeito se vê em conjunção com um sobrevir que transtorna e por vezes suprime a duração e a espacialidade. [...] O sobrevir do acontecimento vem anular a própria textura do tempo, isto é, a “virtude” potencializante da temporalidade” (ZILBERBERG, 2011, p. 189-190). Devido ao seu andamento rápido demais, temos uma intensidade forte, enquanto que o inteligível é nulo. Em suma, “sua ênfase recai sobre o caráter inesperado e quase inapreensível de sua ocorrência. Dotado invariavelmente de alta intensidade e forte concentração, o acontecimento é fruto de aparição repentina (o que sobrevém ao sujeito)” (TATIT, 2019, p. 35).

Segundo explica Tatit (2020), no movimento ascendente da teoria temos duas principais partições: o restabelecimento (menos menos) e o recrudescimento (mais mais). O restabelecimento subdivide-se em retomada e progressão; e o recrudescimento em ampliação e saturação. Já na orientação descendente, temos a atenuação (menos mais) – que pode ser moderada ou diminutiva – e a minimização (mais menos). No percurso ascendente, parte-se da extinção/extenuação ou vacuidade (somente menos) até chegar na plenitude ou saturação (somente mais); já no percurso descendente, é o contrário. Além do mais, no espaço tensivo podemos ir então do relaxamento (continuação da continuação) à tensão propriamente dita, mas também há a distensão (parada da parada), a contenção (parada da continuação) e a retenção (continuação da parada).

Zilberberg “sentia que o pensamento analítico utilizado para gerar suas categorias narrativas e discursivas não contemplava os conteúdos emocionais e as oscilações de afetos que participavam de quase todos os textos, especialmente os de natureza artística” (TATIT, 2019, p. 90); daí a necessidade da implementação de tais categorias de análise na semiótica. Portanto, a partir das noções apresentadas nessa teoria que se encontra aquém do percurso gerativo da significação, analisaremos a seguir o conto “Pai Contra Mãe”, de Machado de Assis, tendo em vista os valores tensivos que lhe circunscrevem e os graus de intensidade que estruturam a obra, já que, em suma, “o projeto do semioticista francês era exatamente este: procurar o ritmo, o tempo, o afeto, o acento e demais concepções tensivas no âmago da própria estrutura” (TATIT, 2019, p. 12).

3. Análise do conto.

O conto “Pai Contra Mãe” foi escrito por Machado de Assis e publicado em 1906 no livro “Relíquias de Casa Velha”. A história aborda a escravidão no Brasil e pode ser considerado pertencente à fase realista do autor, pela sua complexidade temática e ‘polêmica’. “Pai Contra Mãe” se passa no Rio de Janeiro e é narrado em terceira pessoa de modo onisciente e onipresente, apresentando logo no seu início uma viva descrição de diversos instrumentos utilizados para a repressão e punição dos escravos. Primeiro cita-se o ferro ao pescoço, depois o ferro ao pé, em seguida a máscara de folha-de-flandres, sendo que esta última “tinha só três buracos, dois para ver, um para respirar, e era fechada atrás da cabeça por um cadeado” (ASSIS, 1906, p. 11). Nessa parte o narrador ainda acrescenta que: “Era grotesca tal máscara, mas a ordem social e humana nem sempre se alcança sem o grotesco, e alguma vez o cruel” (ASSIS, 1906, p. 11).

Assim sendo, baseado nos estudos tensivos, podemos constatar pela a análise da obra, uma completa predominância dos valores de absoluto sob os valores de universo, resultando numa triagem que visa o regime da exclusão, em detrimento de uma mistura que visa o regime da participação, tendo em vista essa segregação racial estabelecida para os negros na época da escravatura, sobretudo os classificados como fugitivos, conforme é descrito no seguinte trecho:

O ferro ao pescoço era aplicado aos escravos fujões. Imaginai uma coleira grossa, com a haste grossa também à direita ou à esquerda, até ao alto da cabeça e fechada atrás com chave. Pesava, naturalmente, mas era menos castigo que sinal. Escravo que fugia assim, onde quer que andasse, mostrava um reincidente, e com pouco era pegado (ASSIS, 1906, p. 11-12).

Com isto posto, considerando os princípios trazidos por Fontanille e Zilberberg (2001), o recurso da ‘pejoração’ e conseqüentemente o princípio da exclusão se concatenam por uma correlação inversa, que “leva à confrontação do “puro” e do “impuro”” (FONTANILLE; ZILBERBERG, 2001, p. 29) e delimitando assim uma zona exclusiva, classificando o que é bom ou mau a partir dessa visão escravocrata estabelecida pela hierarquia social e racial do tempo em questão. No caso da triagem a circulação de valores é sempre pequena, quase nula, e desacelerada, o que afeta não somente o aspecto social, mas também econômico dos indivíduos tidos como excludentes, ou seja, a população negra. Em suma, “identificamos a exclusão – concentração, regida pela triagem, e a participação – expansão, regida pela mistura, como duas principais direções capazes de ordenar os sistemas de valores” (FONTANILLE; ZILBERBERG, 2001, p. 49), e na obra, portanto, prevalece o sistema de exclusão.

À vista disso, ainda de acordo com o narrador, anúncios eram espalhados caso algum escravo escapasse, com sinais que facilitassem na identificação do fugitivo, sendo a caça e a captura destes um ofício muito comum e importante na época, devido à pobreza, à inaptidão do indivíduo para outros trabalhos ou até mesmo pela vontade do próprio sujeito de exercer tal função na sociedade. É assim que Cândido Neves – ou Candinho – o protagonista, surge

na história contada por Machado, pois após passar por inúmeros empregos e não obter êxito em nenhum, como na tipografia, no comércio, no cartório e nos correios, acaba adquirindo o ofício de capturar escravos fugidos, em consequência do completo estado de pobreza em que se encontrara já há um certo tempo. Cândido Neves se apaixona então por Clara e por não possuir mais do que dívidas, aceita desempenhar o mesmo ofício que o seu primo. Para ele:

Pegar escravos fugidos trouxe-lhe um encanto novo. Não obrigava a estar longas horas sentado. Só exigia força, olho vivo, paciência, coragem e um pedaço de corda. Cândido Neves lia os anúncios, copiava-os, metia-os no bolso e saía às pesquisas. Tinha boa memória. Fixados os sinais e os costumes de um escravo fugido, gastava pouco tempo em achá-lo, segurá-lo, amarrá-lo e levá-lo. A força era muita, a agilidade também (ASSIS, 1906, p. 18-19).

Nesse excerto, a concentração espacial e o andamento acelerado podem ser facilmente reconhecidos, pois Candinho focaliza somente na captura do escravo fugido e deixa para segundo plano qualquer outro fator à sua volta. “Para o regime que visa aos valores de absoluto, o máximo de intensidade está associado à unicidade, ou seja, a uma grandeza definida por sua tonicidade e sua exclusividade” (FONTANILLE; ZILBERBERG, 2001, p. 48); o que quer dizer que o entusiasmo de Candinho era tanto em se apoderar dos escravos fugidos, que lhe encantava aplicar essa espécie de “varredura” racial na sociedade sem carregar nenhum sentimento de culpa, pois acreditava que fosse o certo a se fazer, não somente pela recompensa que viria a adquirir com o cumprimento do ‘dever’, mas também por própria satisfação pessoal. De maneira concisa, “o mecanismo habitual da triagem consiste na extração de uma grandeza ou de um valor e na consequente eliminação dos elementos indesejáveis” (TATIT, 2019, p. 22).

Passaremos agora para o casal Clara e Candinho: “Quando a moça viu Cândido Neves, sentiu que era este o possível marido, o marido verdadeiro e único” (ASSIS, 1906, p. 15). Neste trecho, podemos apreender uma concentração na extensidade sob o ponto de vista também da exclusividade, o que, por conseguinte, decorre em um andamento mais breve e acelerado no eixo da intensidade. Em suma, “o andamento dirige a temporalidade segundo uma correlação inversa, isto é, a rapidez abrevia e concentra, ao passo que a lentidão alonga e distribui” (ZILBERBERG, 2011, p. 124). Cumpre-nos destacar que Candinho tinha trinta anos e Clara vinte e dois; ela morava com sua tia Mônica e tinha a incumbência de ajudá-la na costura. Ambos decidem se casar exatamente onze meses depois de se conhecerem, e mesmo não tendo recursos suficientes para proverem a vinda de uma criança ao mundo, Clara acaba engravidando, e a situação financeira do casal que já não era boa, converte-se em pior.

O enxoval da criança só poderia ser feito com retalhos, e além disso, os lucros vão se tornando cada vez mais escassos, até que finalmente chega o temido dia em que os escravos fugidos cessam de ir parar nas mãos de Cândido Neves, pois: “Havia mãos novas e hábeis. Como o negócio crescesse, mais de um desempregado pegou em si e numa corda, foi aos jornais, copiou anúncios e deitou-se à caçada. No próprio bairro havia mais de um competidor” (ASSIS, 1906,

p. 19). Dessa maneira, aqui, notamos um percurso ascendente no ofício de captura de escravos fugidos, pois há um recrudescimento de interessados ao trabalho, no entanto, para Candinho e sua família a correlação é inversa e de contenção, pois os lucros estão em descendência, mais especificamente situados na minimização, indo em direção à completa extenuação.

Deste modo, “a porção era escassa, os intervalos longos” (ASSIS, 1906, p. 17), suscitando em um espaço mais difuso e um andamento mais lento mediado por um regime implicativo, uma vez que se não há dinheiro, não há estabilidade ou tranquilidade para a família. Isso “quer dizer que as dívidas de Cândido Neves começaram de subir, sem aqueles pagamentos prontos ou quase prontos dos primeiros tempos. A vida fez-se difícil e dura. Comia-se fiado e mal; comia-se tarde. O senhorio mandava pelos alugueis” (ASSIS, 1906, p. 19-20). Já Clara, não tinha mais quase tempo de sobra, pois a necessidade de costurar para fora era colossal, mesmo com a ajuda de sua tia Mônica. Dessa forma, na última semana de gravidez de Clara, a tia Mônica decidira aconselhar o casal a entregar a criança à Roda dos Enjeitados, local que acolhia crianças indesejadas, abandonadas ou que não pudessem ser sustentadas pela família:

Em verdade, não podia haver palavra mais dura de tolerar a dois jovens pais que espreitavam a criança, para beijá-la, guardá-la, vê-la rir, crescer, engordar, pular...Enjeitar quê? Enjeitar como? Candinho arregalou os olhos para a tia, e acabou dando um murro na mesa de jantar. A mesa, que era velha e desconjuntada, esteve quase a se desfazer inteiramente (ASSIS, 1906, p. 21).

Nesse fragmento, a tonicidade encontra-se acentuada, provocando descompensada fúria em Candinho, a ponto de quase quebrar a mesa com apenas um murro ao ouvir tal conselho. A tonicidade impactante também aparece em tia Mônica, que “terminou a frase com um gesto de ombros, deu as costas e foi meter-se na alcova. Tinha já insinuado aquela solução, mas era a primeira vez que o fazia com tal franqueza e calor, – crueldade, se preferes” (ASSIS, 1906, p. 22). Em seguida, se estendendo para a retenção e para agravar ainda mais a situação, o dono da casa onde os três viviam decide lhes fazer uma visita, a fim de cobrar de Cândido os três meses de aluguel atrasados e o ameaçando dizendo que se dentro de cinco dias não fosse pago, colocaria todos na rua:

O credor entrou e recusou sentar-se, deitou os olhos à mobília para ver se daria algo à penhora; achou que pouco. Vinha receber os alugueis vencidos, não podia esperar mais; se dentro de cinco dias não fosse pago, pô-lo-ia na rua. Não havia trabalhado para regalo dos outros. Ao vê-lo, ninguém diria que era proprietário; mas a palavra supria o que faltava ao gesto, e o pobre Cândido Neves preferiu calar a retorquir. Fez uma inclinação de promessa e súplica ao mesmo tempo. O dono da casa não cedeu mais.

– Cinco dias ou rua! repetiu, metendo a mão no ferrolho da porta e saindo (ASSIS, 1906, p. 22-23).

A tonicidade acentuada pelo eixo da intensidade também é perceptível no excerto em questão, pois o proprietário do imóvel encontrava-se irritado pelas dívidas acumuladas dos meses de aluguel em atraso, assim como da parte do próprio Candinho, que tentou empréstimo, recorreu aos anúncios, foi a pessoas amigas, mas nada vinha a se resolver de seu lado: “A situação era aguda. Não achavam casa, nem contavam com pessoa que lhes emprestasse alguma; era ir para a rua” (ASSIS, 1906, p. 23). Sendo assim, os três acabaram postos para fora, e foi a tia Mônica quem conseguiu aposento de favor na casa de uma senhora velha e rica que conhecia. Convém destacar que dois dias depois nasceu a criança – e era um menino, conforme Clara e Candinho sempre desejaram; e sob o ponto de vista tensivo, aqui, temos a noção de acontecimento, que conforme já foi apresentado anteriormente e expresso por Tatit (2020), a ênfase recai sobre o seu caráter inesperado e de ocorrência quase inapreensível.

Por ser de alta intensidade e forte concentração, o acontecimento é algo que sobrevém ao sujeito, pertencente ao regime concessivo dado o surgimento de um conteúdo imprevisível. Foi quando, então, que Cândido reviu todas as suas notas de escravos fugidos e uma tratava-se especificamente de uma ‘mulata’ com a recompensa no valor de cem mil réis. No dia seguinte, ele resolve sair à procura da escrava e não a encontra, entretanto, um farmacêutico que se lembrava de ter vendido algo à pessoa com os sinais indicados por Cândido, lhe conta que havia visto a mulher três dias antes. Ao voltar para casa, ele cogita diversas alternativas para ficar com o filho, porém se vê obrigado a cumprir a promessa, e assim que o pequeno adormece, ambos seguem em direção à Roda: “Ao entrar na Rua da Guarda Velha, Cândido Neves começou a afrouxar o passo. – Hei de entregá-lo o mais tarde que puder, murmurou ele. Mas não sendo a rua infinita ou sequer longa, viria a acabá-la; foi então que lhe ocorreu entrar por um dos becos que ligavam aquela à Rua da Ajuda” (ASSIS, 1906, p. 26). Neste trecho, o andamento é lento e desacelerado e o espaço difuso e aberto, pela desmensurada vontade de Candinho de estender a permanência com o seu filho. Entretanto, ao entrar em um dos becos, Cândido vê a ‘mulata fugida’, e como a poucos passos estava a farmácia em que obtivera a informação anterior, ele decide pedir ao farmacêutico que ficasse com a criança por um instante, para que pudesse ir atrás da escrava e capturá-la. Do ponto de vista espacial tensivo, pode se então concentrar quando houver maior celeridade ou se difundir com a diminuição da velocidade.

A intensidade tônica volta novamente quando Candinho avista a mulher, segundo expresso pelo narrador no seguinte fragmento: “Não dou aqui a comoção de Cândido Neves por não podê-lo fazer com a intensidade real. Um adjetivo basta; digamos enorme” (ASSIS, 1906, p. 26). Dessa forma, “marcado por um andamento rápido demais para o sujeito, o acontecimento leva o sensível à incandescência e o inteligível à nulidade” (ZILBERBERG, 2011, p. 190). É quando no extremo da rua, Cândido aproxima-se da moça e a chama por Arminda, segundo constava no anúncio em que lera. Ao tentar fugir, ele amarra os seus braços com uma corda de algibeira, e ela então suplica para que ele a solte alegando estar grávida: “Estou grávida, meu senhor! exclamou. Se Vossa Senhoria tem algum filho, peço-lhe por amor dele que me solte; eu serei tua escrava, vou servi-lo pelo tempo que quiser. Me solte, meu senhor moço!” (ASSIS, 1906, p. 27). A escrava

gemia e se arrastava, dizendo que o seu senhor era muito mau e que provavelmente lhe castigaria cruelmente com açoites. Porém, Cândido não demonstrava se importar e dessa forma:

Foi arrastando a escrava pela Rua dos Ourives, em direção à da Alfândega, onde residia o senhor. Na esquina desta a luta cresceu; a escrava pôs os pés à parede, recuou com grande esforço, inutilmente. O que alcançou foi, apesar de ser a casa próxima, gastar mais tempo em lá chegar do que devera. Chegou, enfim, arrastada, desesperada, arquejando. Ainda ali ajoelhou-se, mas em vão. O senhor estava em casa, acudiu ao chamado e ao rumor (ASSIS, 1906, p. 28).

Cabe-nos mencionar que no conto, o relaxamento segue em direção à tensão a partir do momento em que Candinho teria que entregar seu filho à Roda, assim como Arminda teria que ser devolvida ao seu dono; sendo estes, causas de contenção. A distensão só é possível para Cândido, quando ele consegue a plena conjugação de seu filho, como veremos um pouco mais adiante. Deste modo, assim que Cândido entregou a escrava ao seu senhor, este abriu a carteira e imediatamente lhe recompensou com os cem mil réis prometidos no anúncio. Contudo, no chão, encontrava-se a mulher, que após algum tempo de luta, viera a sofrer um nefasto aborto:

Arminda caiu no corredor. Ali mesmo o senhor da escrava abriu a carteira e tirou os cem mil-réis de gratificação. Cândido Neves guardou as duas notas de cinquenta mil-réis, enquanto o senhor novamente dizia à escrava que entrasse. No chão, onde jazia, levada do medo e da dor, e após algum tempo de luta a escrava abortou (ASSIS, 1906, p. 29).

Nessa parte do conto, a intensidade permanece tônica dado os acontecimentos que sobrevém a ambos. Adentrando um pouco sob o ponto de vista passional, convém salientar que o medo pode ser concebido como um estado afetivo de perturbação ou desespero devido a uma sensação de perigo ou ameaça em relação a algo ou alguém. Segundo Fiorin (1992), o medo pode derivar de uma sanção pragmática negativa, além disso, constata-se também que sempre se exige a presença de um destinador que seja distinto do sujeito operador, tendo em vista que se não há sanção, não há medo. Sua aspectualidade acaba sendo durativa e dessa forma, é sempre definido como um estado de emoção em que se pressente um dano, uma perda, uma privação, na qual o sujeito que sente encontra-se vulnerável diante do que possa acontecer, provocando, portanto, uma espécie de reação imediata; como podemos comprovar tanto em Arminda com medo do seu senhor, quanto em Candinho, que diante da possibilidade de perder seu filho, reage à infortuna situação entregando a escrava grávida ao flagelo de seu dono. Assim sendo, a tonicidade plena só vai diminuindo até chegar em completa atonia e se tencionando para a distensão, quando Cândido Neves já está em conjugação de seu filho, conforme se segue nos trechos seguintes:

O fruto de algum tempo entrou sem vida neste mundo, entre os gemidos da mãe e os gestos de desespero do dono. Cândido Neves viu todo esse espetáculo. Não sabia que horas eram. Quaisquer que fossem, urgia correr à Rua da Ajuda,

e foi o que ele fez sem querer conhecer as consequências do desastre (ASSIS, 1906, p. 29).

Cândido então retorna para à farmácia em busca do filho que deixara aos cuidados do farmacêutico. Ao voltar para a sua casa com o pequeno no colo, ele explica à tia Mônica toda a situação e ela perdoa a volta da criança, dado que Cândido trazia no bolso os cem mil réis que ganhara por atribuição ao entregar Arminda. Além disso, ela também diz algumas duras palavras contra a escrava por conta do aborto e da fuga que cometera, bem como Cândido, que encerra o conto beijando o seu filho e abençoando a fuga da escrava, pois segundo ele: “nem todas as crianças vingam” (ASSIS, 1906, p. 30).

No conto, podemos constatar, portanto, os dramas paralelos de um pai e de uma mãe como resultado dos sofrimentos decorrentes das negligências sociais e raciais da época, e que “a tonicidade não afeta apenas uma “parte” do sujeito, mas sua integralidade” (ZILBERBERG, 2011, p. 171), pois o querer estar em conjunção com o objeto filho faz com que Cândido focalize somente em sua situação e condenando uma mulher, grávida e negra a um futuro de sofrimento, dor e tristeza sem nenhum remorso ou arrependimento, conforme manifestado pelo narrador ao final da história: “Cândido Neves, beijando o filho, entre lágrimas, verdadeiras, abençoava a fuga e não se lhe dava do aborto” (ASSIS, 1906, p. 30).

4. Considerações finais.

A semiótica tensiva é uma teoria voltada para a afetividade na construção e na produção do sentido, sob a qual se assenta em dois eixos principais: a intensidade, o sensível, e a extensidade, o inteligível; aquela regendo esta. Dessa forma, tendo em vista que essa teoria propicia um estudo mais sensível acerca dos textos e discursos, através de categorias que medem grandezas subjetivas, nesta pesquisa optamos por analisar o conto “Pai Contra Mãe”, de Machado de Assis, considerando os valores que perpassam a obra, sobretudo, no que concerne os fatores de exclusão racial e consequentemente social.

A partir dos valores de absoluto fomentados pela triagem do regime de exclusão que predominam na obra, assim como pelo andamento, pela tonicidade, pela espacialidade e as partições que regem o acontecimento central do conto, podemos apreender que a intensidade tônica, o fechamento e a concentração espacial, são elementos que constituem um panorama mais exclusivo ou mais especificamente, excludente, de um indivíduo sobre outro. Além disso, o sobrevir dos acontecimentos em relação à Candinho e Arminda, ou seja, a necessidade da entrega do filho para à Roda e o aborto da escrava ao ser levada para o seu dono, suscitam em uma reflexão mais profunda, sensível e crítica a respeito das negligências sócio-históricas-raciais da época e que foram retratadas por Machado através de tais infelizes circunstâncias paralelas.

5. Referências.

- ASSIS, Machado de. *Pai Contra Mãe*. In: Relíquias da Casa Velha. 1ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1906.
- FIORIN, José Luiz. *Algumas Considerações Sobre o Medo e a Vergonha*. *Cruzeiro Semiótico*, nº 16, p. 55-63, 1992.
- FONTANILLE, Jacques; ZILBERBERG, Claude. *Tensão e Significação*. Trad. Ivã Carlos Lopes, Luiz Tatit e Waldir Bevidas. São Paulo: Discurso Editorial: Humanitas/FFLCH/USP, 2001.
- FONTANILLE, Jacques. *Semiótica do Discurso*. Trad. Jean Cristtus Portela. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2019.
- TATIT, Luiz. *Análise Semiótica Através das Letras*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.
- TATIT, Luiz. *Passos da Semiótica Tensiva*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2019.
- TATIT, Luiz. *Bases do Pensamento Tensivo*. *Revista Estudos Semióticos (USP)*, v. 15, p. 11-26, 2019. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/esse/article/view/156045/152316>>. Acesso em: 10 de março de 2023.
- TATIT, Luiz. *Claude Zilberberg e a Prosodização da Semiótica*. *Actes Sémiotiques*, v. 123, p. 123, 2020. Disponível em: <<https://www.unilim.fr/actes-semiotiques/6466&file=1>>. Acesso em: 12 de março de 2023.
- ZILBERBERG, Claude. *Elementos de Semiótica Tensiva*. Trad. Ivã Carlos Lopes, Luiz Tatit, Waldir Bevidas. São Paulo: Ateliê Editorial, 2011.